

PARAÍBA, 1920: A VOLTA DE AUGUSTO DOS ANJOS

Zenir C. Reis*

Foi longo o processo de reconhecimento crítico da obra de Augusto dos Anjos: publicou seu único livro, *Eu*, no Rio de Janeiro de 1912. Naquela cidade, no ano seguinte, Bilac seria eleito "Príncipe dos Poetas Brasileiros", em concurso organizado pela revista *Fon-Fon!*

O voto único que Augusto recebeu naquele concurso foi assim justificado pelo seu autor, o excêntrico poeta gaúcho João César de Castro (1884-1930):

"Na opinião da minha humildade, o príncipe dos poetas brasileiros, que ainda há de ser Imperador, quando menos jovem e mais expungido de demasias tem o nome soleníssimo de Augusto dos Anjos, mas um Augusto da linhagem dos anjos-maus, a que se prendem um tal de Baudelaire e um tal de Dante Gabriel Rossetti"¹.

Em 1914, o Poeta morre obscuro na cidade mineira de Leopoldina, para onde se transferira, depois de quase quatro duros anos de instabilidade de emprego e moradia no Rio...

Houve uma segunda edição, mas permaneceria confinada ao acaanhado ambiente paraibano, homenagem póstuma ao Poeta que, só assim, voltava, em 1920, à sua terra natal.

Quase ignorado no meio intelectual carioca da *Belle-Epoque* e de *Fon-Fon!*, será inteiramente desconhecido pela São Paulo do Modernismo e de *Klaxon*. Afinal, o Modernismo era a expressão estética da modernidade urbana paulista e Augusto dos Anjos, cantor da decadência do mundo rural nordestino e dos tristes aglomerados do Recife e Paraíba (atual João Pessoa) do início do século: a outra face da moeda de um capitalismo que se desenvolvia de maneira desigual e combinada.

* Prof. Assist. Dr. de Literatura Brasileira do Depto. Letras Clássicas e Vernáculas — FFLCH — USP.

(1) *Fon-Fon! (VII)*, 16, Rio de Janeiro, 19-IV-1913. Sobre João de Castro, v. MURICI, Andrade — *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. 2.^a ed., (Brasília) INL (1973), vol. II, p. 827-831. Ver também MENEZES, Raimundo de — *Dicionário literário brasileiro*. 2.^a ed., Rio de Janeiro, LTC (... 1978).

Em 1928, a surpresa: esgotam-se duas edições, a terceira e a quarta, publicadas pela editora Castilho, no Rio de Janeiro. Compreende-se a razão do sucesso, quando se recorda que se publicaram e esgotaram, naquele ano de 1928, quatro edições de *A Bagaceira*, de seu conterrâneo José Américo de Almeida: duas na Paraíba e duas pela mesma editora Castilho.

Os tempos são outros: avizinha-se a crise do café paulista que arrastaria os demais setores da economia; agravam-se as tensões políticas, algumas das quais se resolveriam na Revolução de 30. O Brasil unificava-se na crise.

O livro é um sucesso de público, mas não de crítica. O reconhecimento pleno deveria esperar a década de 40, com a *Apresentação da poesia brasileira*, de Manuel Bandeira, em 1946².

Este preâmbulo visa a situar o leitor dos trabalhos que seguem: três estudos e duas notícias da publicação dos poemas de Augusto dos Anjos — segunda edição do *Eu*, primeira das chamadas "Outras poesias", em 1920, nas tipografias do Diário Oficial do Estado da Paraíba, *A União*.

Deve-se lembrar que, na Paraíba, desde 1900, Augusto procurava firmar seu nome como poeta, deixando nas páginas de jornais e revistas locais grande número de poemas, alguns aproveitados em volume, depois de severa seleção.

Não era o único nem o mais prestigiado. Raul Machado, quando estréia em livro em 1909, com *Cristais e Bronzes*, foi saudado com entusiasmo por Órris Soares como o grande poeta paraibano do momento³.

O mesmo Órris Soares (1884-1964), amigo, conterrâneo e contemporâneo de Augusto na Faculdade de Direito do Recife, seria responsável por aquela edição póstuma. Os dois registros anônimos do evento repartem-se, aliás, entre o elogio do Poeta e o do trabalho do editor e prefaciador, então "secretário de Estado e diretor político" de *A União*, além de teatrólogo, que retocava sua quarta peça teatral, *Rogério*⁴.

O interesse desse prefácio de Órris Soares e do conjunto de textos que então se publicaram em *A União* é o do registro vivo: são os contemporâneos, mergulhados no mesmo contexto cultural, respondendo às mesmas perplexidades a que o Poeta respondia.

Quando escrevemos hoje sobre as obras do passado, sofremos aquela falsificação de perspectiva a que se refere Otto Maria Carpeaux:

"Lendo essas obras todas, sentimos e sabemos muito mais do que os contemporâneos, porque nos está presente tudo aquilo que foi escrito e pensado depois, até hoje. Mas esse "mais" também nos torna in-

(2) CARPEAUX, Otto Maria — *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. (Rio de Janeiro) Ed. Ouro (1971).

(3) *O Norte*. Paraíba, 25 jul 1909.

(4) A respeito da peça, leia-se BARRETO, Lima — "Limites e Protocolo", em: — *Impressões de leitura*. São Paulo, Brasiliense, 1956, p. 147-152. Um comovido necrológio de Órris Soares e seu perfil intelectual em ANDRADE, Carlos Drummond de "O filósofo inacabado", em *Cadeira de balanço, Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1967, p. 1012. Edição recente do *Teatro completo* de Órris Soares pelo Governo do Estado da Paraíba, em 1985. Ver também MENEZES, Raimundo de — *op. cit.*

sensíveis ao que foi novo naquela época e já não é novo hoje. A distância falsifica inteiramente a perspectiva"⁵.

Estes textos nos ajudam a reconstituir, tanto quanto isso é possível, aquela situação cuja dramaticidade já não vibra nas classificações a que a historiografia a reduziu.

Convém apresentar brevemente autores e artigos. O primeiro (4-I-1920) é o de Ademar Vidal: narra um episódio de sua infância — foi aluno particular de Augusto dos Anjos. Isso viria a credenciá-lo, bem mais tarde, para obter e editar a correspondência familiar do Poeta⁶.

Curiosamente, tanto no artigo de 1920 quanto no livro de 1967, ocorrem enganos de datas. No artigo, situa as aulas em 1912, na casa da mãe de Augusto, na Paraíba. No livro, sem mencionar datas, atribui-lhe vinte e sete anos e afirma ter-lhe freqüentado duas casas, a segunda, a do Poeta já casado. Mais: na segunda casa, no "ano anterior ao em que Augusto dos Anjos teve de deixar a Paraíba, para residir no Sul do País, eu estive quase todo sob sua direção de professor meticoloso"⁷.

Na verdade, Augusto, nascido em 1884, casou-se em julho de 1910 e em outubro do mesmo ano transferiu-se para o Rio. Será preciso, talvez, recuar para 1909 aquela data. O depoente teria, então, apenas nove anos, já que nasceu a 7 de outubro de 1900...

Os dois artigos seguintes (15 e 21-I-1920) são de responsabilidade da redação e já foram mencionados acima.

Segue-se o trabalho de Raul Machado (1891-1959), o poeta que aos dezoito anos impressionara os conterrâneos com sua estréia. Acabava de publicar a segunda coletânea de versos, *Águas de Cristália* (1919)⁸.

Seu texto fornece elementos biográficos e até clínicos, que viriam a ser usados depois, em interpretações de outros estudiosos⁹. Quando reescreveu o artigo para incluí-lo em *Dança de idéias*¹⁰, algumas afirmações foram atenuadas ou suprimidas.

O último artigo (25-VII-1920) é de José Oiticica (1882-1957), amigo e admirador de Augusto desde a publicação de 1912 do *Eu*¹¹. Resgata um pouco da história do Poeta no Rio de Janeiro, da história da tradição textual, além de apresentar uma interpretação espiritualista, mas com temperos sociológicos de sua poesia: o futuro líder anarquista foi também seguidor dos Rosacruz.

(5) CARPEAUX, Otto Maria — "Perspectivas da interpretação", em: — *Livros na mesa*. Rio de Janeiro, São José, 1960.

(6) VIDAL, Ademar — *O outro eu de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1967.

(7) — VIDAL, Ademar — *op. cit.*, p. 24.

(8) Sobre Raul Machado, v. AZEVEDO, Fernando — "Terra de poetas..." em: — *Ensaio*. São Paulo, Melhoramentos, 1929. Cf. MENEZES, Raimundo de — *op. cit.*

(9) v. SABOIA RIBEIRO, João Felipe de — *Ensaio nosográfico de Augusto dos Anjos*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia. Bahia, Papelaria Vera Cruz, 1926.

(10) MACHADO, Raul — *Dança de Idéias*. Rio de Janeiro, A Noite (1939).

(11) Cf. NEVES, Roberto das — "José Oiticica: um anarquista exemplar e uma figura ímpar na história do Brasil", em OITICICA, José — *Ação direta* (Meio século de pregação libertária). (Rio de Janeiro) Germinal (1970). cf. MENEZES, Raimundo de — *op. cit.*

Registre-se, também aqui, uma imprecisão de datas: não decorreram sete anos da morte de Augusto, como afirma o artigo, mas pouco menos de seis: de 12 de novembro de 1914 a 25 de julho de 1920.

A recuperação desses artigos restitui mais um elo perdido de uma fortuna crítica tortuosa, e de uma tradição de que resultaram as informações biográficas hoje disponíveis: tanto é verdade que a pesquisa é obra coletiva...

Julho de 1986.

OS ARTIGOS.

AUGUSTO DOS ANJOS

Freqüentava eu o Colégio Diocesano Pio X, isso em 1912, quando o padre Joffily, hoje bispo do Amazonas, era o chefe acatado, trazendo o pessoal sob o seu olhar severo de educador competente e respeitável. Passei quase todo o tempo, é bem verdade, ora a estudar, ora a brincar à larga, fazendo de preferência exercícios militares...

Certo dia, entretanto, e já no fim do ano, o padre Joffily, como todos nós o chamávamos, fez-me ir ao seu salão de diretor, mobiliado sobriamente, dizendo-me com a sua energia e com a sua voz de puro metal:

- Você não faz exames e principalmente de francês!
- Eu?
- Sim.
- Mas, padre...
- Já lhe disse.

Tais palavras fulminaram-me. Desanimei. Ele era justamente o professor em exercício da aludida cadeira. Que fazer? Baixei a cabeça e obedeci.

Meu pai, porém, cioso de minha educação, preocupado com o meu futuro, chamou-me à noite desse dia inesquecível, fazendo-me ciente de que já havia tomado as providências necessárias para que eu continuasse os estudos de madureza.

- O seu mestre será agora o dr. Augusto dos Anjos.
- Devo ir logo amanhã?
- É bom.

Exultei. Residindo à mesma rua, vizinhos, quase sempre via aquele homem fatal, nascido para a inteligência, sorrindo-me com bondade, um tanto pálido, um tanto corcunda, dono de uns olhos molhados e fulgurantes.

Galvanizou-se desde essa época a minha instintiva simpatia pelo poeta. Era meu amigo. Mostrava-se interessado pela minha formação espiritual. Habituei-me, pois, a amá-lo. Muita vez a sua digna progenitora vinha até a sala, onde nós nos encontrávamos toda manhã, atraída pela conversa clara e brilhante de seu angustiado filho. Decepcionava-se, evidentemente, por me ver sentado, a escutá-lo, julgando antes uma visita de cerimônia e distinção.

Foi mais ou menos assim...

Agora, após dois quatriênios ligeiros, quando tudo seguiu o curso inevitável dos acontecimentos, um forte motivo de sensação vem inten-

sificar a lembrança helênica do ilustre extinto. Trata-se, já se vê, do livro póstumo: POESIAS COMPLETAS.

Não somente vai constituir um dos legítimos sucessos de livraria, neste alvorecer de século, como também há de ser uma das mais notáveis novidades mentais do país, uma vez que, afora todo o EU, o volume a que me reporto contém as últimas manifestações fagulhantes daquele grande espírito de torturado.

Todos nós já conhecemos o ouro de lei do seu talento de elite. É, sem favores, tão precioso quanto inestimável, em vista de, sendo como é de ótima qualidade, foi antes do mais — nos tumultos da febre — polido na forja de um cérebro milionário de idéias e de sentimentos.

Aqui no Brasil, onde o que é original é tão raro quão depreciado, Augusto dos Anjos realizou, com audácia elegante, a humana expressão da poesia científico-pessimista. Todas as tentativas empreendidas em tal gênero foram por assim dizer inúteis, apesar de premeditadas com longa e penosa antecipação.

Martins Júnior é um exemplo vivo e frisante. Ele nunca foi um poeta verdadeiramente científico, nem fundamente triste. Sonhou em criar uma nova escolã. O desejo foi em parte efetuado. Não conseguiu ir adiante porque não era sincero... Já o mesmo não se dava com Augusto dos Anjos, que possuía uma organização visceralmente sentimental. Ele era ele.

Os seus versos, não obstante crus, chispam de inspiração e sofrimento intenso. Refletem a sua alma.

E o artista da *Viagem de Um Vencido*, de braço dado à dor positiva, confessa que a maior ventura é estar de posse de suas "claridades absolutas". Não vai nisto nenhum fingimento e muito menos querer tornar-se conhecido pela excentricidade de encarar com pessimismo a dinâmica dessa mesma dor e também das energias telúricas e celestiais. Era um simples e talvez que não alimentasse desejos de notoriedade.

Teve Augusto dos Anjos a sua glorificação ecoante, porque o público inteligente descobriu nele os coloridos lampejos de um predestinado. A crítica de meia dúzia de intelectuais pernósticos entendeu, porém, de insinuar que o malogrado poeta encontrara nas dores do mundo o *leit-motiv* para a sua rápida celebridade...

Se não houvesse seleção nas camadas humanas, bem provável seria que os críticos improvisados fossem plantando as suas opiniões raquíticas no conceito não só dos inteligentes, mas também do rebotalho, que, faça-se a devida justiça, só se compraz em deliciar-se com a leitura de almanaques, Forjaz Sampaio e folhinhas...

Felizmente as produções de Augusto dos Anjos, desmentindo esses fanados ensaios de censura, brotavam-lhe com naturalidade surpreendente e só notável aos que têm de fato o sangue comum às graves e geniais mentalidades. A sua obra é homogênea. Vibra com o mesmo critério até ao dobrar da última página.

É preciso que a alma tenha atingido muito alto, tenha sofrido muito, tenha sonhado e amado também, para imaginar e obter emoções tão fundas, tão universais, tão palpitantes de verdade e de beleza. Há, sim, alguma coisa de monstruoso... Tem-se, ao compreendê-lo, a impressão

completa de um sopro de pavor, de um tremendo choque de dois ou mais corpos brutos, do aflito e definitivo reclinar numa cabeça de vencido sem apelação... A sua meditação é fria e comunicativa.

Em meio de tudo, existe, no entanto, um como sorriso imperceptível, amargo, cruel, dominador, porém irônico, sereno, invencível, solene, superior. Esta é a minha interpretação... Augusto dos Anjos analisa o paraíso do que é bom e o charco do que é mau. Ele admite e ama o bem, porque o mal, enfim, é o bem que se engana... Faz acordar sentimentos profundos, uma imensa queixa sem objetivo, dessas que nos invadem instantaneamente, violentamente, deixando-nos os olhos como que perdidos, sem nenhuma direção, sem mesmo sabermos por que. Então, tomamo-nos de uma carinhosa e vasta simpatia por tudo...

As POESIAS COMPLETAS deverão sair ao correr deste mês. O prefácio é de lavra de Orris Soares, que, como senhor das letras, viveu e sentiu com o poeta, comentando consigo a tragédia de tanta angústia e admirando o brilho olímpico de tão bendito estro.

Falando sobre as produções de Augusto dos Anjos, o autor d'A CÍSMIA, com elegância estilística que o torna estranho entre os singulares, teve a oportunidade feliz de citar *O Lamento das Coisas* como uma das mais expressivas jóias que se há feito sobre o Eterno Mistério.

Nem a enferma orientação pessimista de Antero de Quental, penso que efetuou majestade semelhante. Longe, porém, não está Baudelaire... Concordei com o esteta. E aos ouvidos chegaram-me logo os sons do "cantochoão dos dínamos profundos". A sinfonia anunciava cores de tragédia a Êsquilo...

Estávamos, nesse momento, em frente ao mar. Fitei-o enternecidamente. À imaginação subiram alvoroçados os nostálgicos arrepios que o "choro da Energia abandonada" nos propina a nós outros. Nesse instante as reticências se fazem mais que nunca imprescindíveis.

O homem, não podendo traduzir a sombria imensidade dos soluços da Natureza, necessita, talvez, destes três significativos pontinhos (...) como os melhores reveladores das sensações fugitivas que a alma experimenta e que se não podem explicar com a mesma facilidade que impõe a febre de um desejo ardente...

Adhemar Vidal

(A *União*, Paraíba, 4 de janeiro de 1920)

"EU"

Na próxima quinta-feira, deve sair dos prelos d'A *União* numa grossa brochura *in quarto*, de quase trezentas páginas, a obra poética de Augusto dos Anjos, piedosamente recolhida, editada e prefaciada pelo exímio escritor e dramaturgo sr. dr. Orris Soares, secretário de Estado e diretor político desta folha.

De Augusto dos Anjos nada poderemos dizer que chegue à altura do seu peregrino merecimento e bizarríssima originalidade.

Poeta do horrível e do grotesco, capaz das generalizações de Edgard Poe, dos exotismos de Bertrand e dos refinamentos de Arthur Rimbaud,

esse rapaz, morto aos trinta anos, deixou um livro insigne, o *Eu*, que se assinala pela mesma singularidade do título.

Órris Soares tomou a ombros a honrosa e difícil empresa de dar a lume uma edição definitiva da extensa lírica de Augusto dos Anjos, empregando nessa árdua tarefa os seus poucos lazeres de atarefado homem público.

Pelo que inferimos de uma compulsão aligeirada da formosa brochura do *Eu*, o desempenho de Órris Soares não poderia ser mais galhardo e mais satisfatório.

Além da manufatura do airoso compêndio, refulge no pórtico um substancioso prefácio de vinte e três páginas, em que o autor da *Barreira* e da *Cisma*, com uma perícia literária a Gauthier, traceja em linhas éreas o perfil de Augusto dos Anjos, estudando-lhe a psicologia sinuosa através das suas estrofes, dos seus versos, dos seus processos de composição mental.

Quem se ilustra nesse afã de ler prólogos, conhece certamente o de Baudelaire nas obras de Edgard Poe, o de Ruy Barbosa nas *Aventuras de Gulliver*, de Swift; de Oliveira Martins nos *Sonetos* de Anthero de Qental.

Sem o mínimo exagero na comparação que fazemos, o de Órris Soares sobre Augusto dos Anjos paraleliza-se com aquelas obras-primas, que se ajustam como capitéis de ouro lavrado nas colunas mármoreas que aformoseiam.

Por ora queremos apenas noticiar o próximo aparecimento do *Eu*, felicitando o seu abnegado editor, sr. dr. Órris Soares, pelo bom termo do seu empreendimento e, sobretudo, pelo peristilo magnífico, que soube magistralmente esculpir na obra grandiosa do seu amigo.

(Artigo não assinado)

(A *União* — Paraíba, 15 de fevereiro de 1920)

“EU”

Poesias Completas de Augusto dos Anjos com prefácio de Órris Soares

O sr. dr. Órris Soares, secretário de Estado e diretor político deste jornal, pondo termo à sua honrosa e voluntária missão de editar, prefaciá-lo e divulgar a lírica admirável de Augusto dos Anjos, acaba de retirar dos prelos d'*A União* quinhentos exemplares daquela fulgurante obra, enviando à viúva do ilustre morto quatrocentos e cinqüenta, que hão de ser distribuídos entre os amigos e admiradores do poeta.

O pensamento do sr. dr. Órris Soares é vulgarizar de tal sorte os versos imortais do grande bardo paraibano, granjeando com eles um acréscimo patrimonial para a família do artista.

Completando o seu desígnio de reverenciar a memória do insigne cantor do *Eu*, reservou o sr. dr. Órris Soares trinta exemplares da obra que serão passados aqui na Paraíba entre amigos do incomparável poeta, ao preço de vinte mil réis cada um.

Essas espórtulas destinar-se-ão a nuclear outras quantias que hão de ser angariadas para a construção de um túmulo sobre o jazigo de Augusto dos Anjos em Minas Gerais.

Como se vê por essa realização de propósitos, o empreendimento do sr. dr. Órris Soares estreita em vínculos de afeto e admiração espiritual a inesquecível personalidade do lapidário do *Eu*, cuja obra, tão marcada de excelências e originalidades, continua quase que inédita, pelos tesouros inauditos das suas louçanias e perfeições.

O livro, como já tivemos oportunidade de referir, corporiza-se numa vistosa brochura de quase trezentas páginas, a que se antepõe, como um peristilo de lavor coríntio, o prefácio magistral do sr. dr. Órris Soares.

Os versos inconfundíveis de Augusto dos Anjos não podiam ter um, mais inspirado nem melhor paraninfo.

O dramaturgo consagrado da *Cisma* e que ora remodela os contornos libertários do seu *Rogério* já tem um nome de vulto e peso nas nossas letras; mas agora conquista com o seu proêmio a *palma nobilis* dos raros e profundos escritores.

Insistimos propositadamente nos lineamentos éreos deste prefácio, pela perfeita justaposição das suas idéias críticas e evocativas na arte e na personalidade de Augusto dos Anjos.

Este foi, como sabemos nós que lemos no Brasil, um poeta místico, satânico e impressionista, forrado de uma rara ilustração vernácula, humanística e filosófica, a vazar em estrofes de ouro a omnimodalidade das suas impressões.

O seu lirismo aberrava por isto da norma comum, que se inspira nos termos de amor e romances sentimentais.

A obra de Augusto dos Anjos é uma interpretação individualíssima da natureza, apanhando em flagrante alguns aspectos bizarros dos seus fenômenos.

Não apresenta desgarras ternos nem logomaquias melífluas da lírica ordinária, é toda apertada em moldes caprichosos a que o artista exigente imprime a feição às vezes um tanto enigmática da sua rebuscada estética.

Da redondilha-menor ao hendecassílabo, do soneto à sextilha, com uma particular preferência pelo decassílabo camoniano; proscrevendo dos seus processos literários o alexandrino jactancioso, Augusto dos Anjos ideou várias combinações de ritmo para alcançar a verdadeira expressão das suas emoções dentro das estrofes simples e dos metros comuns.

Essa adstrição do seu estro a tão estreitos métodos parecendo a alguns uma inópia d'arte, é antes uma dificuldade nova, que o artista se cria a si mesmo para a sobrepujar e vencer com a grandeza de sua inspiração e as inexcedíveis faculdades do seu engenho.

Não se trata pois de um cantor de estirpe ordinária, cuja psicologia fácil se possa enquadrar nalgumas linhas aligeiradas de prosa. Por isto mesmo é que se nos antolha admirável como trabalho de indução e dedução crítica o prefácio de Órris Soares, talhado ao demais com um

apuro linguístico, que também neste particular robustece o renome do seu autor.

A Paraíba, enternecida e orgulhosa do seu eminente filho Augusto dos Anjos, teve nas comovidas e fundas palavras de Órris Soares a expressão mais lúcida e acabada dos sentimentos de ternura e mágoa, com que todos nos debruçamos, com as chorosas musas, sobre esse túmulo perenemente coberto por todas as rosas da nossa afeição e da nossa saudade.

(Artigo não assinado)

(*A União* — Paraíba, 21 de fevereiro de 1920)

EM TORNO DE UM NOME E À MARGEM DE UM LIVRO

Quando, há tempos, em terras patricias do norte, fui apresentado a Augusto dos Anjos, o mal-aventurado poeta que se finou, há cinco anos, numa hemoptise cruel, força é confessar que tive um sentimento misto de pena e decepção, diante o seu magríssimo todo e a palidez doentia do seu semblante.

Era assim. Ninguém diria, vendo-lhe o corpo esguio e o rosto tristemente alumiado por uns olhos mortiços e pensativos, que naquela debilíssima estrutura física vibrava uma individualidade psíquica das mais pujantes e admiráveis.

E mais ainda, que a sua organização de enfermigo escondia-lhe a grandeza da personalidade consciente, a modéstia que lhe era peculiar e a timidez ilógica do seu espírito.

Quando falava, porém, transfigurava-se inteiramente: — a cabeça, oblonga e pequenina, começava demover-se em descompasso com todo o corpo; brilhavam-lhe os olhos de um modo novo, e o rosto macilento de físico, tendo bruscas mutações fisionômicas, iluminava-se de um fulgor quase místico. E, enquanto lhe fluíam torrencialmente as palavras, com as mãos magríssimas, impacientemente trêmulas, descrevia, no ar, sucessivas parábolas, gestos de nervosismos estranhos, como se tentasse moldar o pensamento: delinear as imagens, corporizar as idéias mais abstratas — toda uma ansiedade torturante de plasmar um mundo subjetivo de emoções bizarras e doentias...

O que ora, porém, me proponho dizer da sua individualidade literária não pode ser, por força de amizade confessa e entusiástica admiração pelas suas virtudes supérstites, um trabalho de crítica, mas, simplesmente, uma página impressionista, referta de sinceridade nos juízos e reverência póstuma ao seu espírito iluminado e fraterno.

Motivos onímodos poder-me-iam levar a pena indisciplinada e medrosa a desenhar-lhe, em perfil literário, a curiosa individualidade psíquica.

Certo, porém, do curto alcance de visão introspectiva, que devo à minha indubitável miopia de psicólogo, fujo prudentemente aos riscos

de tão complexo estudo, limitando-me a ajuizar-lhe, apenas, a obra e os seus pendores artísticos.

Claro, no entanto, que não cabe nos moldes carlyleanos desta página zurzir defeitos inevitáveis, porque inerentes à natureza do homem, mas unicamente exaltar méritos inconcussos, e virtudes, por via de regra, menos contraditórias...

Possuidor de rara inteligência, servida por ilustração copiosa, e de caráter severo e triste, como seu próprio estilo, tinha Augusto dos Anjos, quanto às letras, uma clara visão de arte, mas de arte integral e sincera, que alia a profundidade da idéia à impecabilidade da forma, e não é apenas malabarismo de frases, ou simbolismo de caixa alta e taxinomia esotérica...

Porque a poesia, para ele, como para todos os que bem a compreendem, visiona um fim mais útil e social, que não o de agradar, com vocábulos ruidosos e empregos germânicos de alfabeto maiúsculo, à auditiva mórbida de uns e a visualidade caprichosa de outros.

Com os conhecimentos polimáticos, que bebera, a longos haustos, em fontes de ciência legítima, e a amplitude de vistas filosóficas que possuía, não lhe seria possível constringer a atividade mental no serviço de intuítos aberratórios e nulos.

Desejava, antes, subordiná-la a fins mais elevados e humanos, e, movendo-a por interesses mais nobres, criar uma poesia iluminada, como os dramas de Ibsen e as novelas de Dostoievsky, pelas fulgurações da ciência.

Organização nervosa, presa de sensibilidades doentias e entusiasmos artísticos, procurando realizar semelhante objetivo de estética, força era revelar-se, em tudo quanto escrevesse, a predominância do influxo individual, o modo de ser de um temperamento esquisitamente vibrátil. Razão por que todos os seus poemas são uma projeção do seu eu, alguma coisa como um feixe de luz decomposto pelo prisma cristalino do seu espírito.

É, especialmente, neste fato idiossincrásico que se devem encontrar, portanto, as determinantes da sua feição de poeta, daquela maneira de sentir e descrever os fenômenos que lhe afetavam a emotividade exagerada pelo desastre de economia biológica, que o levou à tísica pulmonar, como poderia ter levado à loucura, para a qual é bem que afirmemos em discreta passagem — não lhe faltariam sequer antecedentes hereditários...

Pelo que ficou dito, depreende-se que a sua poesia, incontestavelmente malsana, por motivos que pretendemos sugerir no decurso desta impressão de leitura, não visava, apenas, comunicar emoções, mas, sobretudo, extravazar idéias que lhe nasciam de pertinaz e dolorosa reflexão sobre os infortúnios do ser, e a "noumenalidade" do não ser.

Assim, poderemos afirmar de Augusto dos Anjos, como Oliveira Martins, do autor das ODES MODERNAS que "nele o espírito do filósofo reagia sobre o temperamento do poeta".

Ninguém queira ver, portanto, nas suas estrofes, aliás, lavradas sempre com muita paciência e carinho, chinesices de forma nem a ob-

sessão demoníaca do parentirso e dos 24 quilates, no ouro tilintante da rima.

Tampouco devem esperar-lhe da musa, votada a assuntos mais dignos, ditirambos eróticos e pieguismos idílicos onde, em noites de luar de romance, gemam suspiros e estalem beijos intermitentes, sob jasmíneos em flor...

Ao contrário. Sua arte tem quase sempre as cores da verdade sombria e a preocupação do sinistro: é um jato de luz projetado sobre o inferno da vida, sobre as desgraças humanas, alguma coisa que lembra uma noite de tempestade, cheia de relâmpagos, de miséria e de crimes!

Como que dela surge, vitoriosa, a conspiração dos elementos externos desencadeando sobre o mísero homem todas as fatalidades do meio cósmico e social.

Ademais, é um grito trágico de independência erguido em meio do servilismo contemporâneo da nossa literatura, lamentavelmente reduzida a cópias inexpressivas e ineditismos insulsos, quando não sintomáticos de degenerescência mental.

De feito, Augusto dos Anjos não foi um influenciado direto de individualidades e escolas, de modo que se possa afirmar haver pertencido às hostes militantes desse ou daquele estandarte içado nos arraiais literários.

Pertencia-se a si próprio, ao seu gênio, à sua originalidade criadora. Tudo quanto escreveu tem a marca de um inconfundível artista, o cunho indelével de um indivíduo à parte, fugindo à promiscuidade dos beletristas indígenas.

E foi atendendo, por certo, a estas razões inconcussas, que batizou o seu livro de "Eu", afirmando assim, desde logo, o personalismo que o estremava nas letras em ó frontispício daquela obra, que, — diga-se de passagem não obteve mais largo êxito, porque não correspondia ao futilismo literário da época e não fora escrita para o "profanum vulgum", que ainda hoje, como no áureo século de Augusto, faz jus ao desprezo vindicador dos Horácios.

Pesar disto, conseguiu impor-se à admiração dos que lêem, e venceu a chamada "conspiração do silêncio", esse conluio imoral com que, tacitamente, entre nós, a mediocridade dos escrivinhadores de minguado valor, medrosa de ofuscações infalíveis, procura fazer penumbra em torno às obras e aos nomes de rutilância evidente.

A propósito, ainda, do caráter literário do "Eu", disse alguém, num artigo de crítica, "que a teoria do subjetivismo da arte, sustentada entre outros por Eugène Veron, no "L'Esthétique", não poderia encontrar mais solidário apoio, que naquela obra, que é quase todo um trabalho de autopsicologia inconsciente, de onde, por isto mesmo, decorrem o seu maior interesse e o seu merecimento maior.

... Se, porém, fosse mister descobrir influenciadores na formação do espírito, na soturna feição da poesia filosófico-subjetiva, de Augusto dos Anjos, certo, definidos encontraríamos, apenas, juntos ao de Schopenhauer, os nomes daqueles que, como Spencer e Haeckel, fazem, no momento atual, a síntese dos conhecimentos humanos.

Vem daí censurarem-lhe muitos o pecado venial de eruditar as estrofes com termos científicos, que adquirira, sobretudo, nas largas leituras naturalistas, a que se dera desde os primeiros esplendores do seu talento.

Em que pese, porém, aos apregoadores da poesia emocional, às organizações governadas quase exclusivamente pela espinal medula, e cujas consciências, na frase de Nordau, "jamais chegam a ver senão imagens semi-obscuras e vagas, que lhes determinam excitações indistintas e desejos inexpressivos", consideramos uma das virtudes literárias de Augusto, justamente a perícia com que fazia nos veros, a intromissão, a propósito, de termos técnicos, intérpretes de idéias só reveladas pelos que se entregam ao exercício apostolar da ciência.

Acoimavam-no outros de excessivamente tétrico e pessimista. E, em verdade, ele o era.

Mas, para a lugubridade da sua musa, que arrasta crepes viúvos e entoa estrofes como esta:

"Melancolia: Estende-me a tua asa!
És a árvore em que devo reclinar-me. . .
Se algum dia o prazer vier procurar-me
Dize a este monstro que fugi de casa!"

encontramos sobejas desculpas não só em razões fisiopsicológicas, visto como, além de vítima de incurável moléstia, era o poeta, com agravantes hereditárias, um caso curiosíssimo de psiquialgia, mas ainda, porque a análise perspicua do filósofo, nele existente, o levava a descobrir por tudo a contingência da dor, a que estão congenitamente ligados os princípios de vitalidade da espécie.

A dinâmica extraordinária da vida assombrava-o, com a inexorabilidade das suas leis indiferentes ao destino do homem! E a sua consciência de pensador não sofria o determinismo obscuro, que vinha impelindo, através de séculos sem conta, milhares de gerações infelizes para o cadinho das penas e a química transformista dos cemitérios! . . .

Diante de uma caveira não lhe entreabria os lábios um sorriso de ironia à Voltaire, mas um nefasto solilóquio de Hamleto!

Doía-lhe, por isto, raciocinar. A verdade desta asserção, que transparece em muitos versos do "Eu", surge, flagrante, da textura das quadras avulsas, que transcrevemos:

"Raciocinar! Aziaga contingência!
Ser quadrúpede! Andar de quatro pés,
É mais do que ser Cristo e ser Moisés
Porque é ser animal, sem ter consciência!

"Porque Jeovah, maior do que Laplace,
Não fez cair o túmulo de Plínio
Por sobre todo o meu raciocínio,
Para que eu nunca mais raciocinasse?"

É que a reflexão o arrastava inelutavelmente para as ânsias de um pessimismo maldito, que lhe fazia sentir, como ele próprio o dissera,

“A solidariedade subjetiva

De todas as espécies sofredoras!”

acordando-lhe no coração o desejo altruísta de diminuir, pelo próprio esforço, o secular martírio da humanidade.

Para documentar estes impulsos bastam-nos as seguintes estrofes:

“Barulho de mandíbulas e abdomens!
E vem-me como um desprezo por tudo isto,
Uma vontade absurda de ser Cristo,
Para sacrificar-me pelos homens!

Soberano desejo! Soberana
Ambição de construir para o homem uma
Região, onde não cuspa língua alguma
O óleo rançoso da saliva humana!

Outras constelações e outros espaços
Em que, no agudo grau da última crise,
O braço do ladrão se paralise
E a mão da meretriz caia aos pedaços!”

E, em geral, é sempre assim o poeta: condensam-lhe os versos uma longa e dolorosa meditação, as angústias de uma vida moral intensa.

Pesar disto, nem só estâncias com travor pessimista cantava o seu estro; o panteísmo era-lhe também feição notável na lira.

Arraigados amores à natureza motivaram-lhe odes hилоzoístas, acordaram-lhe desejos de ser druida, sugeriram-lhe até impulsos dendrolátricos, como o que traduziu nestes versos:

— As árvores, meu filho, não têm alma!
Esta árvore me serve de empecilho. . .
É preciso cortá-la, pois, meu filho!
Para que eu tenha uma velhice calma!

— Meu pai, por que sua ira não se acalma?!
Não vê que em tudo existe o mesmo brilho?!
Deus pôs alma nos cedros. . . no junquilha. . .
Esta árvore, meu pai, possui minh'alma! . . .

— Disse — e ajoelhou-se numa rogativa:
“Não mate a árvore, pai, para que eu viva!”
E quando a árvore, olhando a pátria serra,

Caiu aos golpes do machado bronco,
O moço triste se abraçou com o tronco
E nunca mais se levantou da terra!”

E o amor que ele votava ao velho tamarindo do “Engenho”:

“No tempo de meu pai sob estes galhos,
Como uma vela fúnebre de cera,
Chorei bilhões de vezes com a canseira
De inexorabilíssimos trabalhos!

Hoje, esta árvore, de amplos agasalhos,
Guarda, como uma caixa derradeira,
O passado da flora brasileira
E a paleontologia dos Carvalhos!

Quando pararem todos os relógios
De minha vida, e a voz dos necrológios
Gritar nos noticiários que eu morri,

Voltando à pátria da homogeneidade,
Abraçada com a própria eternidade
A minha sombra há de ficar aqui!"

Há nestes sonetos vivacidade e força de imaginação, brilho de idéias, doçura de sentimento, elegância despretensiosa de frase e o mesmo lirismo suavíssimo do seu "Ricordanza della mia Gioventù", que não transcrevemos, por conveniência de encurtar estas linhas.

Evidencia-se, contudo, pelo seu epílogo de morte, que ainda neles não pode o poeta fugir ao pendor pelo trágico e deixar de imprimir-lhes o selo fatídico, o sinete negro, com que marcava as produções autênticas da sua lavra.

Era o seu "tropismo ancestral para o infortúnio", era aquela "necessidade do horroroso", que lhe arrancava a alma dos países do sonho para a escuridade dos realismos tétricos, assim como lhe movia os passos, por escarpamentos e pedregulhos, aos esplendores do sol meridiano, caindo em campos virgilianos, para as ruínas da casa do finado Toca, outrora florida, quando a habitava ainda o homem simples, "que carregava canas para o engenho", mas onde mais tarde, reduzida a escombros, apenas,

"O lodo obscuro trepa-se nas portas
E, amontoadas em grossos feixes rijos,
As lagartixas dos esconderijos
Estão olhando aquelas coisas mortas!"
...Sofrera imenso!...

É por isto, também, por esta como afinidade física pela dor, que a maioria das suas produções literárias representa quadros de horror dantesco, com pinceladas fortes e efeitos de claro-escuro a Rembrandt: e que no estatuário da sua arte desembocam todos os rios do pranto, estrugindo em uivos de condenados, gemer de doentes e imprecicar de oprimidos.

A garganta maldita da sua musa sabia bem a escala cromática dos soluços e dos gemidos humanos!

É aquela mesma "faculdade visualística" extraordinária, que fez que o poeta descobrisse, numa noite de alucinações geniais, "a falta de unidade na matéria", revelou-lhe, também, com Schopenhauer, que "só a dor é positiva, no mundo!" e que o mais longo momento de felicidade não compensa a duração de um gemido...

Assim, se lhe antolhava que a arte, com ser o espelho mágico da vida, devia refletir em si mesma, nos seus cristais rutilantes, menos o minuto de alegria fugaz, que a eterna hora de martírio da humanidade.

...Notavam-lhe alguns, em raras composições, certa nebulosidade de expressão, certo vago de frase, que indefinia o sentido, esboçando, apenas, entre nevoeiros, a idéia.

Mas, isto, que, incontestavelmente, levado a exagero, redundava em imperdoável defeito, nele, dado o comedimento e a arte com que o emprega, não só merece desculpa, como até pode a muitos parecer virtude, porque representa "aquela quantidade de espírito sugestivo, alguma coisa como a corrente subterrânea do pensamento, invisível e indefinido", a que alude Edgard Poe, e que é o sonhado recurso dos simbolistas modernos.

No que diz exclusivo respeito à sua técnica literária, entre outras virtudes, apregoavam unissonamente que lhe saíram os versos escorreitos e pulcros, com forte e reboante ondulação rítmica e a imponência plástica que convinha à grandeza do plano arquitetural das estrofes. Esforçava-se pela consecução da frase vernácula, escrupulizada na propriedade dos termos e no emprego rigoroso dos adjetivos; revelava disciplina ortográfica e conhecimentos prosódicos, de que se valeu, com êxito, para a sonoridade dos versos e onomatopaicos efeitos.

Escrevendo, tinha força de descrição, arrojo de antíteses, imprevistas imagens, em geral científicas, facilidade de se elevar ao sublime, e, sobretudo, segurança e habilidade em manejar o vocabulário opulento e sonoro de que dispunha, e que lhe permitia, sem carência de amputações prejudiciais à integridade do pensamento, ajustar as idéias ao leito de Procusto do Verso.

Dominavam-lhe, além disto, o espírito a ânsia do ineditismo e o horror ao lugar-comum. Daí, mesmo quando tocado pelos impulsos mais afetivos e humanos, ao invés de expandir-se em carmes lamartinistas e explorar, como a maioria dos nossos poetas, com arrepios histéricos e borbulhos de lágrimas, o inesgotável filão do sentimento piegas, preferir contar em poesia racionada, como Luiza Ackermann, aqueles fenômenos emotivos que, vistos à luz da psicologia, revelam um lado novo do seu encanto.

Conservava-se, deste modo, sempre fiel ao apostolado da ciência e adstrito, quando era possível, à verdade das suas leis e seus princípios eternos.

E ainda, coerente com este credo pessoal, já nas proximidades da morte, quando o grande mistério comove e abala, em geral, as mais sólidas convicções filosóficas, escreveu estes versos que são, a um tempo, canto de cisne do amor paterno e epinício entoado pelo indivíduo, que morre, a vitória da vida, que continua na espécie:

Aos meus filhos

Na intermitência da vital canseira,
Sois vós que sustentais (Força Alta exige-o...)
Com o vosso catalítico prestígio,
Meu fantasma de carne passageira!

O vulcão da bioquímica fogueira
Destruiu-me todo o orgânico fastígio...
Dai-me asas, pois, para o último remígio,
Dai-me alma, pois, para a hora derradeira!

Culminâncias humanas ainda obscuras,
Expressões do universo radioativo,
Íons emanados do meu próprio ideal

Benditos vós, que, em épocas futuras,
Haveis de ser no mundo subjetivo,
Minha continuidade emocional!

São igualmente, dos seus últimos dias, os dois sonetos, que transcrevemos abaixo, e nos quais sua musa, apesar dos nevoeiros da morte, que já previa, conserva a mesma largueza de vistas e elevação de idéias, que sempre teve:

Vox victimae

Morto! Consciência quieta para o assassino
Que me acabou, dando-me ao corpo vão
Esta volúpia de ficar no chão
Fruindo na tabidez sabor divino!

Espiando o meu cadáver ressupino,
No mar da humana proliferação,
Outras cabeças aparecerão
Para compartilhar do meu destino!

Na festa genética do Nada,
Abraço-me com a terra atormentada
Em contubérnio convulsionador...

E ai! como é boa esta volúpia obscura
Que une os ossos cansados da criatura
Ao corpo ubiqüitário do Criador!

O meu Nirvana

No alheamento da obscura forma humana,
De que, pensando, me desencarcerou,
Foi que eu, num grito de emoção sincero,
Encontrei afinal o meu Nirvana!

Nessa manumissão schopenhauereana,
Onde a vida do humano aspecto fero

* no original, "Tens"

Se desarraiga, eu, feito força, impero
Na imanência da idéia soberana!

Destruída a sensação que oriunda fora
Do tato ínfima antena aferidora
Destas tegumentárias mãos plebéias

Gozo o prazer, que os anos não consomem
De haver trocado a minha forma de homem
Pela imortalidade das idéias.

A resignação panteísta destes versos, revela a calma espiritual com que o poeta esperava atender, em breve, ao "pedido da célula cansada" e gozar a volúpia transformista da matéria dispersa pela totalidade das coisas ou vivendo como ele a sonhara, na "universalidade do carbono".

Damos, agora, à acurada estesia dos leitores um soneto, como há bem poucos na língua portuguesa, e que é, no gênero, talvez, a melhor produção publicada pelo poeta admirável do "EU".

Lamento das coisas

Triste, a escutar pancada por pancada,
A sucessividade dos segundos,
Ouço, em sons subterrâneos do orbe oriundos,
O choro da energia abandonada!

É a dor da força desaproveitada!
É o cantochão dos dínamos profundos,
Que podendo mover milhões de mundos
Jazem ainda na Estática do nada!

É o soluço da forma ainda imprecisa;
É a transcendência que se não realiza;
É a luz que não chegou a ser lampejo;

E é, em suma — o subconsciente ai formidando
Da natureza, que parou, chorando,
No rudimentarismo do desejo!...

Em suma, Augusto dos Anjos foi único entre nós e por muito tempo sê-lo-á ainda, porque só conseguirão imitá-lo os que possuírem, a par de disciplinado saber, uma imaginação hoffmânica aliada à profundidade de pensamento e à sensibilidade mórbida de Ariel.

Ultrapassou o seu tempo e, por isto, tornou-se quase incompreendido, mas o futuro há de reivindicar-lhe os direitos de imortalidade e de glória, mostrando que ele foi, por certo, um dos mais nobres precursores daquela evolução de arte, augurada por Enrico Ferri "como inevitável, porque corresponde às necessidades da multidão desejosa de uma

regenerescência estética, pairando acima das banalidades eróticas ou das bizarras-vãs da maior parte das obras contemporâneas”.

Raul Machado

(A União — 01 de junho de 1920)

CRÔNICA LITERÁRIA

AUGUSTO DOS ANJOS — “EU” (POESIAS COMPLETAS)
PARAÍBA DO NORTE — 1920

Mal Augusto dos Anjos fechou os olhos, comprometi-me comigo mesmo a publicar-lhe os versos póstumos. Entendi-me, para isso, com d. Esther dos Anjos, viúva de Augusto e combinamos escrever eu um estudo à guisa de prefácio.

D. Esther me prometeu mandar cópia dos originais lá da Paraíba, mas o governador de então avocou a si a tarefa de editar os versos do grande poeta paraibano.

Somente agora, sete anos idos, vem a lume a obra inteira do meu querido Augusto, mal impressa com prefácio de Orris Soares.

Augusto dos Anjos! Quando poderemos, no Brasil, compreender bem toda a desgraça dessa perda! Quando alcançaremos no Brasil estimar, em toda a sua transcendência, a poesia desse monstro!

Comparável com tal perda só vejo aqui a morte prematura de Castro Alves. Que soberanos poemas não nos daria Castro Alves se atingisse os quarenta anos! Que prodígios de revelação estética não teriam rebrotado da cabeça desse Augusto na fase trágica do passado lustro! Que martírios íntimos, que revolta, que excitação torva não se altoariam naquela alma vibratilíssima, diante da catástrofe mundial!

Orris Soares, estudando o poeta, afirma que três fatores fizeram a profunda tristeza de Augusto: — um de caráter individualíssimo, outro mesológico e o terceiro espiritual. O primeiro, diz-nos o prefaciador, foi a *obsessão da doença*, o segundo a *raça*, o terceiro a tristeza de *todo homem de pensamento* no Brasil, educado em livros e idéias estrangeiras, sem público e sem futuro.

Não nego a exatidão possível desses apanhados. Porém, tanto quanto pude ver dentro de Augusto e nos seus versos há fatores muito mais profundos e mais poderosos do seu *Eu*.

Um deles de ordem material, foi a *penúria*. Conheci Augusto numa fase horrível para nós ambos.

Eu, muito mais forte, mais batalhador, mais esperançado de vencer, com a falta de recursos multiplicava-me. Augusto se moía, concentrava a sua pena, embora, uma vez por outra, me revelasse as suas condições. O que mais o amargurava era a injustiça social, solícita em premiar os ruíns, dourar as falcatruas, entronar os endinheirados e avaríssima com os honestos, os sonhadores, os retos de entendimento e coração.

Essa revolta íntima o levava a descrer do mundo, a ver em tudo podridão física e moral.

Nunca me falou em doença; jamais o vi doente. Referiu-me apenas uma neurastenia antiga, passada inteiramente, e seguiu para Leopoldina por necessidade pecuniária; foi dirigir uma casa de instrução.

Assim, quando num teatro, Osório Duque Estrada me noticiou a morte de Augusto foi isso para mim dolorosíssima surpresa.

O que atenazou a alma do poeta foi a luta pelo vil dinheiro, pelo pão dos filhos, que sua esposa heróica ajudava a ganhar.

Outro fator de tristeza de Augusto, do seu pessimismo intelectual foi a insuficiência da filosofia contemporânea. Ninguém lhe resolvia as dúvidas profundas sobre o por quê e o para que deste universo.

Feliz teria sido se nascesse com a alma facilmente conformável de materialistas e positivistas, ou com a alma também conformável dos espíritas, por exemplo. A ciência não lhe explicava os problemas cósmicos, embora revelasse mundos sobre mundos. O espiritismo, o espiritualismo cristão, as filosofias vazias não lhe matavam na consciência a interrogação fatal.

Suas tendências, entretanto, eram todas anti-materialistas; posso mesmo asseverar acentuadamente espiritualistas. Em seus versos, nos póstumos sobretudo, as intenções teosóficas são freqüentes. Preocupava-o sempre a Unidade das coisas e dos seres, a evolução do Todo, a independência do seu próprio Eu, sua essência anímica proveniente da *substância de todas as substâncias*.

Di-lo admiravelmente bem, este extraordinário soneto, um dos mais belos que já se escreveram em qualquer língua:

Quando o homem, resgatado da cegueira,
Vir Deus num simples grão de argila errante,
Terá nascido, nesse mesmo instante,
A mineralogia derradeira!

A impérvia escuridão obnubilante
Há de cessar! Em sua glória inteira
Deus resplandecerá dentro da poeira,
Como um gasofiláceo de diamante!

Nessa última visão subterrânea
Um movimento universal de insânia
Arrancará da insciência o homem precito...

A Verdade virá das pedras mortas
E o homem compreenderá todas as portas
Que ele inda tem de abrir para o Infinito!

Que teosofista não assinaria tal soneto?

Entanto Augusto dos Anjos, embora fale no "metafisicismo de Abidarma", em "Brahma", no "Nirvana", em "Buda", e manifeste certa obsessão dos números, conhecia esses assuntos muito superficialmente.

Era, porém, nele muito viva a intuição da Energia.

A energia intra-cósmica divina.

Que é o pai e a mãe das outras energias.

A consciência da Unidade cósmica, da substância una e dispersa, manifesta-se a cada instante em suas rimas.

Nos tercetos do "*Louvor à unidade*":

Era a estrangulação sem retumbância
Da multi-milenária dissonância
Que as harmonias siderais invade...

Era, numa alta aclamação sem gritos,
O regresso dos átomos aflitos
Ao descanso perpétuo da Unidade!

Est'outros de "*A um mascarado*":

A sucessão de hebdômadadas medonhas
Reduzirá os mundos que tu sonhas
Ao microcosmos do ovo primitivo...

E tu mesmo, após a árdua e atra refrega,
Terás somente uma vontade cega
E uma tendência obscura de ser vivo!

E, no "*Monólogo de uma sombra*":

Sou uma sombra! Venho de outras eras
Do cosmopolitismo das moneras...
Pólipo de recônditas reentrâncias,
Larva do caos telúrico, procedo
Da escuridão do cósmico segredo
Da substância de todas as substâncias!

É desse monólogo o extraordinário verso:

A simbiose das cousas me equilibra, verso onde se condensa a mais perfeita integração e estética do homem no universo.

Para Augusto, com efeito, somos um produto de todas as energias cósmicas, somos como diria um teosofista, simples *manifestação* do Absoluto, do Ego infinito, do *noumeno*, da *coisa em si*.

Essa idéia dominante guia o pessimismo aparente de Augusto dos Anjos. Para ele, o desprezível, o putrescível, o nojento é o corpo humano, os trinta trilhões de células mudáveis e adocíveis.

este feixe de células humanas
que ele desejava

deixar enfim na cloaca mais sombria.

Quanto ao espírito, não. Para o poeta o corpo encerra a alma imorrível, centelha pensante, que há de fulgir por séculos e séculos superior aos cataclismas todos do Universo, cuja Energia se degrada fatalmente. Eis como esse pensamento resplandece no genial *Apocalipse!*

Minha divinatória Arte ultrapassa
Os séculos efêmeros e nota
Diminuição dinâmica, derrota
Na atual força, integérrima, da Massa,

É a subversão universal que ameaça
A Natureza, e, em noite aziaga e ignota,
Destrói a ebulição que a água alvorota
E põe todos os astros na desgraça!

São despedaçamentos, derrubadas,
Federações sidéricas quebradas...
E eu só, o último ser, pelo orbe adiante,

Espião da cataclísmica surpresa,
A única luz, tragicamente acesa,
Na universalidade agonizante!

Dessa consciência da participação infinitesimal do homem no Todo cresce, em Augusto, o pavor do *Mistério Eterno*. Esse mistério foi a preocupação científica, foi toda a religião do poeta.

Em *Versos de um Vencido* ele ouve a voz das árvores que lhe parecia

A Voz cavernosíssima de Deus
Reproduzida pelos arvoredos.

Essa voz lhe revela que os seres inferiores mais obscuros, mais desprezíveis não de ser, em futura fase evolutiva, seres superiores.

Então o poeta percebe toda a grandeza do insondado e a insignificância do homem falador:

Restava apenas na minha alma bruta
Onde frutificara outrora o Amor
Uma volicional fome interior
De renúncia budística, absoluta!

Por que, naquela noite de ânsia e inferno,
Eu fora alheio ao mundanário ruído,
A maior expressão do homem vencido
Diante da sombra do Mitério Eterno!

Essa transcendente concepção de vida, que tão elevada força moral dava ao poeta, rebrilha claramente nos dois sonetos da *Revelação*:

I

Escafandrista do insondado oceano
Sou eu, que, aliando Buda ao sibarita,
Penetro à essência plásmica infinita
— Mão promíscua do amor e do ódio insano!

Sou eu, que, hirto auscultando o absconso arcano,
Por um poder de acústica esquisita
Ouço o universo ansioso que se agita
Dentro de cada pensamento humano!

No abstrato abismo equóreo em que me inundo,
Sou eu que, revolvendo o ego profundo
E a escuridão dos cérebros medonhos

Restituo, triunfalmente, a esfera calma,
Todos os cosmos que circulam na alma
Sob a forma embriológica de sonhos!

II

Treva e fulguração, sânie e perfume;
Massa palpável e éter; desconforto
E ataraxia; feto vivo e aborto,
— Tudo a unidade do meu ser resume!

Sou eu, que ateando da alma o occíduo lume
Aprendo, em cisma abismadora absorto,
A potencialidade do que é morto
E a eficácia prolífica do estrume!

Ah! Sou eu que, transpondo a esarpa augusta
Dos limites orgânicos estreitos
Dentro dos quais recalco em vão minha ânsia

Sinto bater na putrescível crusta
Do tegumento que me cobre os peitos
Toda a imortalidade da Substância.

Vê-se, por aí, sob a nomenclatura rígida e científica, no entrecocar de termos crus e imagens por vezes repulsivas, quanto *esoterismo*, quanto pensamento superior, quanta clarividência instintiva.

E nisso está, precisamente, o prestígio enorme do inimitável Augusto.

Poucos o compreenderão hoje, no futuro será, sem possível dúvida, o mais assinalado poeta brasileiro do seu tempo. Eis pois, efetivamente, em suas produções, um *signal* seu, inconfundível, de visão profunda.

José Oiticica

(*A União* — 25 de julho de 1920)

Entregue para publicação: julho de 1986